

O HÁBITO DE LER: DE CASA PARA A SALA DE AULA

THE HABIT OF READING: FROM HOME TO THE CLASSROOM

Renato Alessandro dos SANTOS¹

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a definição do termo leitura, considerando a distinção entre diversos tipos de leitura. Considera o significado de normas culta e popular, além da importância das funções da linguagem. Analisa, por último, a importância do hábito da leitura, tanto em casa quanto na sala de aula, a fim de discutir por que o leitor deve ler criticamente.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Sala de aula. Docência. Funções da linguagem.

Abstract: This article aims to reflect on the definition of the term reading, considering the distinction between different types of reading. It considers the meaning of cultured and popular standards and the importance of the functions of language. It analyzes, finally, the importance of the habit of reading, both at home and in the classroom, in order to discuss why the reader should read critically.

Keywords: Reading. Literature. Classroom. Teaching. Functions of language.

Introdução

A leitura deve ser cultivada em nossa vida.

Como um jardim cuidado diariamente, a preservação do hábito de ler precisa ser constante. Precisamos ler com objetividade, ou seja, criticamente. A leitura passiva, aquela capaz de não deixar qualquer dúvida a respeito da veracidade do que está sob a atenção de nossos olhos, deve ser abandonada; com ela, aprendemos muito pouco. É preciso ler criticamente. Sempre. De certa forma, o leitor que, criticamente, já lê há um bom tempo, procura por algo a mais nas plurissignificações do texto; quer dizer: busca o que pode estar apenas sugerido pelo texto, com a mesma perspicácia de Sherlock Holmes, ou seja, com inteligência, com curiosidade, com observação penetrante etc.

Ler, portanto, é o assunto deste artigo.

Uma definição de leitura

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, SP; mestre e graduado em Letras pela mesma instituição. Docente no curso de Letras – CUML. Contato: realess72@gmail.com

A leitura faz parte de nossa vida desde cedo. Tomamos contato com ela antes mesmo de ingressar no ensino primário – hoje, ensino fundamental. Crianças, observamos números e letras, fascinados pela dimensão lúdica que esses contatos proporcionam. Assim, desde pequenos, ler passa a ser algo com o qual nos acostumamos. A leitura nos faz “prever, pensar, interagir” com o mundo, argumenta a professora Ângela Franco, autora de *Metodologia de ensino: língua portuguesa* (1997, p. 45).

Por que ler é *prever, pensar, interagir*, como sugere a professora?

Talvez, porque, como seres humanos, essas atividades sejam para nós tão comuns quanto respirar, comer, observar as coisas. Acompanhemos a definição de leitura feita por Franco. Menciona a autora: “A leitura é um processo de interação entre autor e leitor, mediada pelo texto. É processo dinâmico que leva o autor a inferir dados e situações e a pensar, refletidamente, após o ato de ler” (1997, p. 45). Franco afirma que é o autor quem infere “dados e situações”, que “pensa”, ou seja, esse é o sujeito que reflete após o ato de ler. O que podemos perceber é que, no lugar da palavra “autor”, caberia, também, a palavra “leitor”, uma vez que este também infere “dados e situações”, “pensa”, enfim, reflete sobre o que leu. “O leitor coloca-se dentro do texto, identifica-se com personagens”, diz Ângela Franco (1997, p. 45). Porém, a esse leitor cuja imaginação é prodigiosa cabem, também, outras tarefas:

[Ele] considera o provável e desconsidera o improvável, o que permite e favorece a compreensão de um texto. É o leitor que confere sentido ao texto, completando os vazios deixados pelo autor. Autor e leitor dialogam sobre um tema e completam-se a partir de suas experiências (FRANCO, 1997, p. 45).

É o leitor quem preenche as lacunas deixadas abertas pelo autor de um texto. Mais do que isso: leitor e autor lançam-se numa conversa atemporal, em que dialogam, discutem e, felizmente, na maioria das vezes, chegam a um acordo, ou seja, o leitor consegue compreender o que o autor tem a dizer.

Perceba que quando o leitor “considera o provável”, desprezando o que quer que seja improvável, ele faz uma interpretação pautada no bom senso e, também, em seu conhecimento de mundo (FRANCO, 1997, p. 45). Numa interpretação de um poema, por exemplo, esse leitor hipotético não deve sair por aí, como se diz, *atirando para todos os lados*, como uma metralhadora giratória. Não. Tal leitor tem de ter os *pés* fincados no texto, como uma âncora, baseado no que lhe é provável, pois dessa forma vê-se mais esclarecido em sua interpretação textual.

Na sala de aula, a finalidade da leitura deve ficar esclarecida entre professor e alunos. A pergunta a ser feita nesses momentos é: “Para que se lê, o que se lê?” (FRANCO, 1997, p. 45). Ao responder ao que a autora questiona, é preciso ter em mente que, se lemos algo, temos de saber o porquê de tal leitura; afinal, todo leitor que lê adequadamente é uma pessoa que sabe por que razão lê o que lê, e essa é uma postura coerente quando se insiste, com frequência diária, no hábito de ler.

Franco menciona quatro tipos de leitura que “devem estar presentes na escola, desde a primeira série do primeiro grau até a terceira do segundo grau” (1997, p. 46). Esses quatro tipos de leitura são chamados por Franco (1997) de: busca de informações; estudo do texto; leitura pretexto; leitura fruição (literária).

Vejamos como o leitor se serve de cada uma delas.

Busca de informações

“Buscar informações em um texto”, alerta Franco, “exige que se tenha perguntas a serem respondidas, dúvidas a serem esclarecidas” (1997, p. 46). Assim, quando queremos saber mais sobre algum assunto, fazemos esse tipo de leitura. Esta é a leitura que utilizamos em pesquisas, trabalhos etc.

Estudo do texto

É uma leitura mais elaborada. “A leitura estudo do texto é a que se faz, quando se quer aprender alguma coisa, ir além de onde já se está, [...] para confirmar ou não certos posicionamentos” (FRANCO, 1997, p. 47). Este tipo de leitura não se prende ao estudo do léxico e da construção de texto. “É um tipo de leitura que deve ser introduzido nas salas de aula”, comenta Ângela Franco. “O aluno deve ter à sua disposição diferentes tipos de materiais informativos, que lhe possibilite estudos”, complementa (FRANCO, 1997, p. 47).

É uma boa proposta a ser utilizada com os alunos. “É importante que se reserve um horário, em sala de aula, para a leitura estudo do texto”, em que “cada aluno (ou grupos de alunos) fará a leitura estudo de acordo com seus interesses e necessidades”, comenta Franco (1997, p. 47). Trata-se de uma boa saída para qualquer professor que queira fazer do aluno um bom leitor. Isto porque fica nas mãos do estudante a opção para o que ele pretende ler nesses horários reservados à leitura.

Como conhecemos nossos alunos, e sabemos que nem sempre o interesse pela leitura é uma de suas predileções, toda essa atividade pode vir a naufragar, caso o professor não tome as rédeas da atividade em questão. É simples, basta que, na aula anterior, o professor deixe

bem esclarecido o que pretende com tal atividade. Assim, deve incentivar o aluno para que traga, à sala de aula, revista, livro ou artigo de jornal que gostaria de ler. O prazer dessa atividade concretiza-se no gosto pela leitura que o aluno adquire por meio de textos selecionados por ele mesmo. Sem contar que criar o hábito dessa atividade leva professor e aluno a uma boa solução para a rotina das aulas.

Leitura pretexto

É uma leitura que se serve do texto, utilizando-o como pretexto para outra atividade, que não simplesmente uma leitura apenas. “É através dela que a dramatização, a pantomima e o teatro acontecem”, menciona Ângela Franco (1997, p. 48). Do texto ao teatro, ou à declamação de poemas, ou à pantomima etc., a leitura é feita com *segundas intenções*. “É a leitura, por excelência, para se trabalhar a expressão corporal e a linguagem verbal, em sua forma sistematizada, através da representação” (FRANCO, 1997, p. 48).

Este tipo de leitura permite a paráfrase, a reescrita etc., mas não deve somente ficar restrito a uma previsível reescrita do texto, com uma nova roupagem. É o que pensa Franco. “É essencial que se vivencie o texto, mas que o texto permita ser pretexto” (FRANCO, 1997, p. 48).

Agora, observemos o que Ângela Franco escreve a respeito da metodologia utilizada pelo professor em sala de aula, ou seja, sobre como a leitura pretexto deve ser oferecida ao aluno:

Há de se ter cuidado ao se usar um texto como pretexto para discussão de questões sintáticas: descobrir como funciona a sintaxe de um texto é diferente de se mostrar a sintaxe do texto. Dissecar a sintaxe de um texto é tratá-lo como coisa morta; discutir a sua sonoridade e descobrir os seus segredos é torná-lo vivo e parte do processo ativo da aprendizagem (1997, p. 48).

Percebeu a diferença? Trata-se de buscar do texto tudo aquilo que, para o aluno, pode representar aprendizado efetivo. Nossos alunos têm disposição em demasia para essas atividades. Eles precisam apenas ser incentivados tanto pelo texto quanto pelo professor.

Leitura fruição (literária)

São momentos cheios de graça e beleza que a leitura fruição oferece ao leitor. É o prazer da leitura. “Se se tem a oportunidade de ler por prazer, provavelmente o hábito e o bom leitor se concretizarão”, afirma Franco (1997, p. 48). O prazer na leitura está ligado à concepção de levar o leitor *ao encontro do livro* e não *de encontro ao livro*, e essa pequena

diferença, diametralmente oposta, é fundamental. “A grande preocupação em se formar ‘hábitos de leitura’, em formar ‘bons leitores’ tem muito a ver com este tipo de leitura”, é o que comenta Ângela Franco (1997, p. 48). Assim, o professor deve incentivar a leitura fruição. Que tal ler histórias para nossos alunos? Ler textos ao alcance da maturidade desses leitores e, além disso, contar ou narrar histórias considerando as cores diversas que elas contêm?

São posturas como essas que trazem o aluno para o texto, isto é, ao encontro do texto e, não, de encontro a ele. Devemos concordar com elas, pois, bem dirigidas, essas atividades tendem a tornar a aula produtiva e muito mais agradável.

Norma culta e norma popular

Em busca de nos encontrar com a leitura, professores, partimos sempre por caminhos já bastante trilhados. Lembremos de Guimarães Rosa e não vamos, como neste excerto a seguir, ser como Riobaldo, personagem de *Grande sertão: veredas*. A leitura é uma travessia e, similar a todas as travessias, não é apenas a chegada que é importante: “Ah, tem uma repetição que sempre em outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo! — Só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada” (ROSA, 1999, p. 28).

Assim, como professores e leitores, seja no início, no meio ou no fim da travessia, devemos permanecer entretidos, de olhos bem abertos, dispostos a aprender sempre, e, nesse sentido, tomemos como exemplo a palavra *beatitude* para considerar as normas culta e popular. Provavelmente, você, leitor, já deve tê-la ouvido em algum lugar ou lido sobre ela. O importante é observar o significado, ou significados, que a palavra encerra. Pois bem, por enquanto, veja e ouça esta palavra (em voz alta) com atenção: beatitude. O que ela quer dizer? Beatitude representa um estado de espírito tão singular que, certamente, preservá-lo seria algo admirável na vida de qualquer um. Ciente disso, qualquer leitor que desconheça seus significados, provavelmente, já estaria mais motivado e curioso em relação a tal palavra e perguntar-se-ia: Beatitude? Afinal, qual é seu significado?

Beatitude é quando alcançamos um estado de espírito tão elevado que chegamos a permanecer felizes, em estado de graça. Mas seu significado, na norma culta, assume outros sentidos, algo que na norma popular, sem quaisquer problemas, chega-nos de maneira mais prática e rápida, contextualizada, enfim.

Mas o que significam essas normas? Norma culta, segundo os professores Thereza Cochar Magalhães e William Roberto Cereja, “é a língua padrão, [com] a variedade de maior

prestígio social”, enquanto norma popular “são todas as outras variedades lingüísticas, diferentes da língua padrão” (1998, p. 19).

Dessa forma, se quiséssemos apreender o significado culto de beatitude, poderíamos verificar seus significados, ou acepções, pesquisando a palavra em um dicionário, como no *Houaiss*, por exemplo, um dos mais prestigiados em nosso país. Assim, veja como ele pode nos ajudar, ao nos revelar a palavra beatitude:

1. [...] estado permanente de perfeita satisfação e plenitude somente alcançado pelo sábio [A felicidade beatífica foi buscada e refletida por uma longa tradição filosófica que remonta a Aristóteles (384-322 a.C.), e que terminou por condicionar o significado religioso da palavra.];
2. [...] teologia, religião, felicidade profunda de quem desfruta a presença de Deus, e que só poderá ser atingida em sua plenitude na vida eterna.
3. [...] gozo de alma daqueles que se entregam ao êxtase místico; serenidade trazida à alma pela contemplação.
4. [...] serenidade evocada pela contemplação da beleza natural. [...]
5. estado de serenidade, de felicidade; placidez.
6. euforia característica de certos estados patológicos ou resultante do uso de estupefacientes (DICIONÁRIO HOUAISS ELETRÔNICO 1.0).

Como podemos perceber, beatitude é uma palavra repleta de significados que remetem à ideia de cultivar a vida em estado de graça, mas, uma vez que precisamos ser leitores com senso crítico, é preciso aceder ou discordar daquilo que lemos. Por isso, podemos aceitar a ideia popular de beatitude, mas devemos estar cientes aos outros significados que, à palavra, vêm se anexar. Eis-nos aqui, portanto, mas o que aprendemos com isso? Que as palavras têm vários significados, mas que se resumem a apenas um? Desnecessário mencionar que não seria verdade tal sugestão. Aprendemos, no dia a dia, que as palavras inserem-se em um contexto e que, muitas vezes, esse contexto define o sentido de uma dessas palavras. E aqui temos realmente uma verdade.

Dicionário ambulante

O professor não é um dicionário ambulante. Porém, uma vez que lê em demasia é capaz de identificar o sentido de uma palavra com mais segurança. Nem sempre essa artimanha funciona, mas é oportuna em sala de aula. Entretanto, ela não deve ser levada como via de regra. O melhor sempre é dizer ao aluno, caso o professor desconheça o sentido de uma palavra, que procure seu significado em um dicionário e que a contextualize, gerando exemplos que a aproximem de sua experiência. Esse professor, mesmo inseguro quanto ao sentido de qualquer palavra, ainda poderia tomar outra atitude. Qual seria essa atitude? Ele poderia ler o enunciado com o aluno e, se possível, inferir o sentido de tal palavra. Daí

poderia sugerir ao aluno que buscasse os significados da palavra em um dicionário, enquanto ele também, o professor, parte pelo mesmo caminho. Aprender e ensinar são verbos conjugados diariamente por alunos e professores. Posturas como essas são comuns em sala de aula.

Mas voltemos à norma culta e à norma popular.

Curiosamente, distinguir essas formas de nos expressar também nos leva a reconhecer que o ensino da gramática tradicional em sala de aula implica em sua incapacidade de lidar, efetivamente, com toda a abrangência da norma popular, com o constante uso da concordância verbal equivocada, variantes linguísticas, gírias e outras ocorrências que, felizmente, mantêm qualquer língua viva, dinâmica e cultivada por seus falantes.

Funções da linguagem

Uma língua viva é cultivada por seus falantes em toda comunicação que se estabelece no dia a dia entre, no mínimo, duas pessoas. Você se lembra? Há um emissor e há um receptor; entre eles, estabelecendo uma comunicação, uma mensagem os aproxima. Essa mensagem, para ser entendida, chega-nos por meio de um código, no caso, a língua falada ou escrita que, naturalmente, é compreendida e utilizada por uma comunidade de falantes. Dependendo do que queremos expressar, utilizamos uma das funções a seguir, contidas no Quadro 1:

Quadro 1 *Funções da linguagem.*

Funções da linguagem	
EMISSOR	emite, codifica a mensagem.
RECEPTOR	recebe, decodifica a mensagem.
MENSAGEM	conteúdo transmitido pelo emissor.
CÓDIGO	conjunto de signos usado na transmissão pelo emissor.
REFERENTE	contexto relacionado a emissor e receptor

CANAL	meio pelo qual circula a mensagem

Fonte: LITERATURA ON LINE. *Funções da linguagem*: elementos da comunicação. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/literatura/funling.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2007.

São essas funções que mantêm a língua portuguesa, ou qualquer língua, viva. Uma frase, por mais comum que seja, é sempre importante. Afinal, é ela que, modulada pela voz humana, é capaz de nos distinguir como ser singular em meio à fauna que nos cerca. Esta língua que utilizamos está em constante evolução, pois falamos e somos entendidos. E quanto à escrita? Sabemos do tamanho do abismo que separa a norma culta da norma popular. Como atravessar esse abismo?

Da fala para a escrita, há um caminho a ser percorrido. Escrever é uma habilidade que requer leitura. Se nossos alunos não leem, como vão expressar-se com mais segurança ou mesmo escrever redações coesas e coerentes? O incentivo à leitura deveria vir da própria casa do aluno, propiciado por pais ciosos com um futuro leitor em potencial, mas é o que nem sempre acontece. Cabe a escola, então, aproximar esse aluno dos textos e, certamente, fazê-lo lê-los adequadamente. Nesta altura, poderíamos ainda perguntar: por que ler é imprescindível?

Uma experiência pessoal

Um dia, meu filho, na metade de seus quatro anos, perguntou-me, um pouco aborrecido: “Papai, por que todo mundo sabe ler e só eu que não?” Achei graça naquele comentário (sem mencionar o orgulho). Mas, como explicar a ele o que me perguntava? Conversei com minha esposa e, em seguida, procuramos mostrar-lhe que tudo era uma questão de tempo e dissemos a ele que, da mesma forma que sabia ler seu nome, Théo, porque conhecia todas as letras que fazem parte dele, aprenderia, aos poucos, após conhecer todas as outras letras, a ler. Desde pequeno, esse menino esteve cercado de livros, o que não significou que a TV tomasse uma boa parte de seu tempo. Mas lemos histórias às nossas crianças, e esse hábito não deve acabar. Acreditamos que é o certo a ser feito. A imaginação de qualquer criança aguarda ansiosamente por essas histórias, muitas vezes, contadas ao pé da cama, à iminência do sono. Por isso que, à hora de dormir, desde pequenos, nossos filhos devem ser submetidos a sessões agradáveis desse hábito milenar de contar histórias. Assim, como já mencionamos anteriormente, qual o papel da escola nesse processo? Poderíamos afirmar, sem

dúvida, que a escola deve oferecer os caminhos que possibilitam a leitura aos alunos. Algo que certamente acontece, mas muitas vezes com resultados desastrosos.

Vejamos, assim, o que podemos considerar a respeito da leitura.

A pergunta é: afinal de contas, por que ler?

Um dos críticos literários mais prestigiados no mundo é Harold Bloom. Este americano, na altura de seus 85 anos, é provavelmente a maior autoridade em William Shakespeare que existe por aí, o que conta muito a seu favor. Bloom, ao se questionar por que razão o ser humano cultiva o hábito da leitura, como resposta, resolveu escrever um livro, contando o que sabe a respeito do assunto. Assim, *Como e por que ler* é uma obra admirável e que se encontra traduzida e ao alcance do leitor brasileiro. O texto de Bloom procura mostrar o quanto dependemos da leitura para nos realizarmos como seres humanos. Outros livros também podem auxiliar professores, pais e alunos nessa empreitada. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, de Ana Maria Machado, é um deles. Ambos são fontes das quais beberemos.

A importância da leitura

A leitura deve ser cultivada desde cedo em nossa vida? Sem dúvida, a resposta é afirmativa. Imaginemos um adolescente atento ao mundo que o cerca. Suas antenas de nova geração captam o que há de novo no espírito de seu tempo. Ele quer ler, ver, ouvir, enfim, conhecer coisas novas em sua vida. Os clássicos, essas obras cheias de pó e de páginas em tons pastéis, são para uma boa parte dos adolescentes sinônimos de obrigação, de dever de casa, de fastio. O que fazer? Como trazer um adolescente ao encontro de um livro? Como fazê-lo perceber o diálogo silencioso e sábio que repercute por essas páginas envelhecidas pelo tempo? E passada a adolescência, essa fase cujo ato da leitura é imprescindível, como trazer um adulto para a literatura?

São muitas as perguntas e, talvez, poucas as respostas que solucionariam nosso problema.

Vejamos de outra maneira. Formulamos assim: por que muitos de nossos alunos reclamam quando são obrigados a ler livros?

Esta resposta não é simples.

Experimente pedir a um fumante para que ele pare com esse hábito tão nocivo à sua saúde. Dependendo de nossa relação com tal fumante hipotético, as reações irão de um desleixado dar de ombros até exortações mais agressivas. Se o cigarro faz mal, por que há tantos fumantes? A leitura, por outro lado, faz bem, mas por que não há tantos leitores assim?

Talvez porque, para o adolescente, ler um livro recomendado por um professor implique em aborrecimento. Afinal, ele terá de deixar de se divertir, para ler. E pior: fará uma prova sobre tal livro. Diante de um quadro desses, não há literatura que resista.

Clássicos universais desde cedo

“Monteiro Lobato dizia que obrigar alguém a ler um livro”, menciona Ana Maria Machado, “mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura” (2002, p. 14). A premiada autora de obras infanto-juvenis, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, ainda recomenda algumas “coisinhas fundamentais” a quem se aventura a ler um bom e velho livro:

1. Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição — de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo.
2. Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda.
3. Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um.
4. O primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente (2002, p. 15).

Julguemos os critérios adotados pela autora, pois cada um desses tópicos merece nossa atenção.

O primeiro diz respeito a uma leitura que pode ser voraz ou não, uma leitura à mercê do *apetite* do leitor. É preciso gostar de ler. Quem não tem esse hábito dificilmente sentir-se-á motivado a ler textos que não lhe chamem a atenção. Poderíamos perguntar: em um caso desses, fazer o quê? E uma boa resposta seria: tornar determinado livro mais interessante ao leitor. Naturalmente, perguntaríamos em seguida: mas de que modo? Resposta: fazendo com que leitor e obra encontrem-se, de algum modo, ligados um ao outro. Para isso, é importante que o leitor saiba situar uma obra dentro da literatura e da História, ou seja, saiba o lugar que ela ocupa no interior de um legado cultural que se estende há séculos. Assim, em vez de enfiar “goela abaixo” qualquer livro que seja, é mais agradável levar o aluno ao encontro desse livro — e não de encontro a esse livro, algo que, neste caso, traria consequências nefastas para ambos, professor e aluno (MACHADO, 2002, p. 15).

Vamos supor que o professor sugira a seus alunos a leitura de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Como ele pode proceder? Trata-se de um dos romances mais importantes da literatura brasileira. Para muitos, o mais importante. Oras, por quê? Talvez a resposta a essa pergunta interesse a nosso aluno e já constitua um convite ao livro, porque, provavelmente, após esse aluno hipotético conhecer a triste história de Capitu, Bentinho e Escobar, personagens que, apenas às más línguas, formam um dos triângulos amorosos mais célebres da literatura brasileira, ele demonstre algum interesse pelo livro.

Deixemos Machado de Assis na estante e tomemos uma obra como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. O livro já tem mais de cem anos e, talvez, essa não seja a primeira informação que o aluno deva saber sobre ele. Agora, que tal esta: “Aceito unanimemente como um dos maiores romances brasileiros, *O cortiço* foi leitura proibida a moças e adolescentes durante muitos anos, no Brasil” (LISBOA, 1994, p. 94). Uma vez que você, leitor, provavelmente, já passou pela adolescência, será capaz de perceber o interesse que a expressão *leitura proibida* irá suscitar no espírito desse jovem leitor. Por qual das duas alternativas o professor deve optar? Por que desprezar a informação de que a leitura de *O cortiço* foi proibida durante muitos anos no Brasil? Mas, a despeito dessas questões, devemos nos lembrar de que a obra em si deve cativar seu leitor. O importante mesmo é que ele perceba que pode estar diante de um texto que lhe ensinará muitas coisas. Tudo depende dele(a), do(a) leitor(a). Tudo depende, também, do grau de interesse que será despertado pelo professor, quando tem diante de si alguém que, por analogia, sente bastante *fome*, mas que não sabe muito bem o que *comer*. Como professor, temos de estar atentos para esse aluno bastante desperto e interessado em aprender coisas que lhe digam algo em particular, mas que, por algum motivo, ainda não tomou conhecimento disso. Portanto, outro motivo importante, nesse caso, seja talvez conquistar o aluno por meio de um cardápio variado de autores, de romances, de contos ou, especialmente, de poemas que tenham algo a dizer a esse adolescente.

O segundo tópico ressaltado por Ana Maria Machado diz respeito à leitura do livro clássico, aquele que “não é livro antigo e fora de moda”, mas “livro eterno que não sai de moda” (2002, p. 15). É uma verdade inquestionável. Imortais, os clássicos jamais deixam de ser lidos. Alguns até podem ficar esquecidos durante certo período, mas basta uma nova edição, uma nova tradução, uma nova onda de fortuna crítica, isto é, novos textos a respeito deles, para que voltem a ser comentados e discutidos.

Como o escritor inglês Lewis Carroll pode ser esquecido, se *Alice no país das maravilhas*, obra repleta de alusões ao mundo infanto-juvenil do adolescente, está mais viva

do que nunca? A pequena Alice atravessa um buraco para cair em um mundo de fantasia. Embora seja o país das maravilhas, a experiência pela qual ela passa é menos uma aventura do que um pesadelo, tão sombrio quanto o humor (negro) de certos ingleses. Mas é necessária que a passagem de Alice pelo país das maravilhas seja assim, pois, dessa forma, ela é capaz de aprender algo com sua experiência. Hoje, ao cair no buraco que a leva ao país das maravilhas, Alice traz consigo, diariamente, milhares de leitores que atravessam com ela esse mesmo buraco que separa dois mundos.

O terceiro tópico sugerido pela autora é muito difícil de ser levado adiante. Afinal, como deixar de lado as avaliações sobre os livros? Como “forçar” um aluno a ler um livro somente para que ele faça uma prova? Sem dúvida é preciso conferir o que o aluno achou de um livro. A prova não deve ser vista como uma finalidade em si. Afinal, não se trata de apenas obrigar o aluno a fazer uma prova. Ela deve chegar na hora certa. Antes, ele deve ser incentivado em sua leitura. No momento em que estiver mergulhado no livro, certamente, ele gostará de discuti-lo. Para esse aluno, está aí um bom momento para ouvi-lo e avaliá-lo em sua leitura. Esta é a primeira parte de sua avaliação. A segunda e última é a prova em si. Mas, até lá, esse aluno já terá conhecido esse livro em sua essência, digamos, por dentro e por fora: por dentro, pelos motivos óbvios de uma leitura dirigida com prazer e cautela; por fora, por já ter pesquisado a fortuna crítica sobre a obra — o que deve ter acontecido com a realização de um trabalho escrito. Perceba que a sugestão anterior é apenas uma dentre várias que poderiam ser realizadas com base na experiência e na criatividade do professor.

Resta-nos o quarto e último tópico que é o de abrir caminho aos clássicos por meio de “uma adaptação bem feita e atraente” (MACHADO, 2002, p. 15). Esse já é um lugar-comum na realidade de nossas escolas. A autora tem razão quando sugere boas adaptações de obras literárias para o primeiro contato com um clássico. É verdade. Ninguém mais lê *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, na 7ª série do Ensino Fundamental, como acontecia antigamente; hoje, é possível ler, em vez do romance original, *Ataque do comando P. Q.*, de Moacyr Scliar, obra que pertence a uma coleção (Descobrimos os clássicos) da editora Ática. Na verdade, o texto de Scliar é menos uma adaptação do que um trabalho de ficção infanto-juvenil, em cujo centro os leitores deparam-se com a obra de Lima Barreto.

Mais uma vez é importante afirmar: ninguém precisa concordar com essa atitude diante dos clássicos. Porém, diante de uma geração que lida com computadores desde a mesma idade com que, nós, professores, brincávamos de carrinho ou de boneca, que cresceu diante da TV, abolindo o livro, o que fazer? É claro que, didaticamente, generalizamos. Nem

todos os adolescentes constituem um corpo uniforme de pessoas que não leem. Ao contrário, há uma porção deles que cultivam o hábito da leitura com disciplina e sabor.

Assim, voltemos à pergunta: por que ler?

O solitário hábito da leitura

Ler um romance tornou-se um hábito cada vez mais raro, ultimamente. De quem é a culpa? Como alguém pode prescindir de ensinamentos que suavizam e enriquecem nossa existência? “Embora muitos vivam felizes desconhecendo Cervantes ou Thomas Mann”, comenta Nelson Ascher, no jornal *Folha de S.Paulo*, “nossa existência terrena seria mais árdua (e breve) sem antibióticos assim, como seria impossível habitar megalópoles sem o motor à combustão interna e a eletricidade” (2004a, p. E6). Com Ascher, poderíamos perguntar: é possível desprezar o maior romance de todos os tempos, *Dom Quixote*, esta noite? E amanhã? E depois? A comparação é inquietante: não ler, segundo Ascher, é como viver em uma cidade sem o auxílio de eletricidade ou de um carro. Já imaginou substituir seu banho diário, leitor, na temperatura que lhe agrada, por uma tina com água aquecida no fogão a gás? Pensemos nisto: as obras clássicas de Cervantes ou Mann, autores citados por Ascher, não nos tornariam seres humanos melhores?

Para isso, não é somente na leitura de romances com um grande número de páginas que encontramos a solução para nossos problemas. Ler poesia, textos jornalísticos, bulas de remédio, tudo nos reserva um determinado sentido de leitura. “Apesar de tais prazeres e revelações, confesso que, terminada a adolescência, virei um péssimo e preguiçoso freqüentador de ficção”, revela-nos Ascher (2004, p. E6). Quem nos afirma tal sentença é um literato e leitor voraz de poesia. O que ele explicará, a seguir, resume o que devemos procurar entender, quando nos deparamos com o problema da falta de leitura que sempre assolou nosso país.

O problema, contudo, não se resume à preguiça. Por um lado, o que aprendi lendo poesia, **atividade que envolve sopesar palavras individuais, discernir a geometria das frases, acompanhar a elaboração de cada imagem**, não é humanamente aplicável à fruição de 500 páginas de prosa. Por outro lado, **ler romances depende de habilidades cuja manutenção requer exercício constante**. A principal, adquirida na infância com a ajuda de livros ilustrados, histórias em quadrinhos e, hoje em dia, com o utilíssimo “leia o livro, veja o filme”, **consiste na tradução automática da palavra escrita em seqüências de imagens mentais** (2004, p. E6, **grifos nossos**).

Ler é fundamental, especialmente, para o exercício da profissão em sala de aula. A propósito, é preciso ter em consideração algo curioso: muitas vezes, a leitura de poesia requer

mais dedicação dos leitores do que determinados e célebres calhamaços clássicos de 500 páginas. Muitos leitores são testemunhas de que, ao final da leitura de um romance, o texto é absorvido mais rapidamente do que sonetos que, como tal, trazem apenas 14 versos – como, por exemplo, “Soneto inglês nº 2”, de Manuel Bandeira – mas que são bem mais difíceis de ser compreendidos em uma primeira leitura. Em casos como o desse poema de nosso poeta modernista é preciso trazê-lo por toda a vida, lendo-o sempre, cultivando sua leitura frequentemente. Parece contraditório? A explicação, no entanto, já foi dada anteriormente por Ascher: na poesia, as imagens mentais são fundamentais, como nos romances também o são.

O exercício constante da leitura é um hábito que, naturalmente, requer solidão. Vejamos o que menciona Harold Bloom a esse respeito:

Não existe apenas um modo de ler bem, mas existe uma razão precípua por que ler. Nos dias de hoje, a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria? Se tivermos sorte, encontraremos um professor que nos oriente, mas, em última análise, vemo-nos sós, seguindo nosso caminho sem mediadores. Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo a minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafetos da vida familiar e amorosa (2001, p. 15).

Nesses tempos velozes em que estamos inseridos, onde está a sabedoria? É o que pergunta Bloom. A resposta está nos livros, na leitura solitária que fazemos deles. O leitor deve ter notado que o crítico norte-americano, ao mencionar as amizades que desaparecem, é um pouco casmurro em sua conclusão, mas, para compreendê-lo, precisamos entender que jamais conheceremos *tanto* as pessoas como passaremos a conhecê-las quando levarmos em consideração o conhecimento que podemos ter da natureza humana por meio da leitura.

Como e por que ler

Assim, temos acesso a tudo, e a literatura chega-nos sem censura. Não é como há não muito tempo, quando certos livros eram proibidos mesmo no Brasil, nos Estados Unidos ou na China. Proibida, ao vivenciarmos situações como essas, daríamos mais valor para a literatura. Um exemplo: no romance de Dai Sijie, *Balzac e a costureirinha chinesa*, lemos sobre dois rapazes que são confinados numa aldeia chinesa no alto de uma montanha. Os tempos eram difíceis, especialmente, por causa da rígida revolução cultural que varria o país

naquele momento. Em um lance de sorte, os dois rapazes acabaram se deparando com uma valise cheia de livros – livros proibidos do ocidente –, livros que poderiam tirar suas vidas, se descobertos pelas autoridades chinesas. Um absurdo, como todo e qualquer regime opressor. O primeiro dos romances é de Balzac, autor que é a grande estrela dessa constelação de escritores ocidentais, como o título da obra sugere. Os rapazes lêem *Úrsula Mirouët*. O impacto da leitura é tão forte, que o narrador, um dos rapazes, chega a parecer totalmente desorientado:

Fazia frio. Eu tremia dentro do casaco curto de pele de carneiro. Os aldeões comiam, dormiam ou realizavam atividades ocultas no escuro. Mas ali, diante de nossa porta, não se ouvia nada. De costume, aproveitava a calma que reinava sobre a montanha para me exercitar ao violino, mas, naquele momento, seria deprimente. Voltei ao quarto. Experimentei tocar, mas o violino produziu um som agudo, desagradável, como se alguém tivesse embaralhado as escalas. (...) Decidi copiar integralmente meus trechos preferidos de *Úrsula Mirouët*. Decidi então copiar o texto diretamente sobre a pele de carneiro do casaco (SIJIE, 2001, p. 50-51).

Você é capaz de perceber o estado de espírito desse rapaz? Aturdido com a leitura da obra, é incapaz sequer de tocar seu violino, instrumento cujas cordas, quando tocadas, produzem um som “desagradável, como se alguém tivesse embaralhado as escalas” (SIJIE, 2001, p. 51). Tal estado de espírito, esse atordoamento, chega ao leitor, constantemente, quando lê algo que o toca.

O que nos leva de volta a Bloom. “Para chegar ao máximo do prazer da leitura”, menciona, citando Virginia Woolf, “não devemos desperdiçar nossas forças, lendo de modo errático e desavisado” (2001, p. 16). O que eles afirmam faz sentido, mas talvez, com a literatura, não seja lá muito prático ser tão severo assim. Nós, ao seguir ao pé da letra o conselho de Bloom e Woolf, poderíamos deixar de lado toda uma nova literatura que surge, diariamente no horizonte literário, radiante como o sol e, também, como ele, cheia de vigor e brilho. Lembremos, novamente, das antenas das novas gerações, as que captam o porvir.

Porém, sejamos sinceros: tapar os olhos aos conselhos de duas pessoas como Bloom e Woolf, seria muita tolice. “Portanto”, complementa Bloom, “enquanto não amadurecermos como leitores, algum aconselhamento sobre leitura pode ser-nos útil, talvez, até mesmo essencial” (2001, p.16). Por que não aceitar um conselho de um homem como Bloom, alguém que já leu muito em sua vida? Mas voltemos à questão: por que ler? “Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal”, menciona Bloom (2001). Porém, vejamos o que afirma, mais uma vez, Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. No excerto a seguir, lemos uma

passagem muito interessante a respeito dos primeiros encontros de um leitor com a literatura. A autora menciona:

Não estou propondo nem sugerindo que crianças e jovens se ponham a ler filosofia, tragédias teatrais em sua forma original, poesia metafísica. Nessas áreas e em várias outras, há obras maravilhosas, imprescindíveis, enriquecedoras do espírito humano. Mas não estão ao alcance da compreensão imatura da garotada. O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos. (...) Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador (MACHADO, 2002, p. 12).

Hoje, não há mais sentido em obrigar alguém a ler textos originais no segundo ciclo do Ensino Fundamental de nossas escolas. Isso é coisa do passado. Boas adaptações de obras literárias existem aos borbotões por aí e devem ser lidas. Antigamente, no ginásio, as gerações ao redor do advento da televisão bebiam diretamente na fonte, ou seja, liam textos clássicos da literatura sem qualquer tipo de adaptação para facilitar a leitura. O que nos faz pensar em algo que outro crítico, Lionel Trilling, afirma, a respeito da leitura, quando feita na adolescência, de uma das obras mais importantes da literatura norte-americana: *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885), de Mark Twain (1835-1910).

Sem dúvida alguma, o fato de Huckleberry Finn ter alcançado inicialmente êxito como livro para rapazes constitui um elemento de sua grandeza, (...). Pode-se lê-lo aos dez anos de idade e, daí em diante, todos os anos, e descobrir a cada nova leitura que ele permanece fresco como no ano anterior, modificando-se apenas no sentido de ir sempre ampliando o seu alcance. **Lê-lo quando se é jovem é como plantar uma árvore na juventude – cada ano acrescenta um novo nó de crescimento no significado e o livro é um pouco como a árvore que vai amadurecendo.** Assim, podemos imaginar, crescia um jovem ateniense juntamente com a Odisséia. **Poucos são os livros que podemos conhecer tão jovens e amar por tanto tempo** (1953, p. 127, grifos nossos).

A transformação de caráter universal que Bloom menciona é muito parecida com o “nó de crescimento” que Trilling sugere (1953, p. 127). Em ambos, nos deparamos com um leitor sempre consciente sobre o que está lendo e, com isso, bem mais capaz de discernir sobre o que se apresenta diante dele, ou seja, alguém capaz de exercer sua função de leitor crítico: concordar ou não com o que está lendo. Assim, quanto mais lê, mais capacidade tem

para estabelecer parâmetros que o ampararão por toda a vida, além de abrir-se cada vez mais ao que lê, aprendendo sempre mais.

Quando somos jovens, e lemos contínua e apaixonadamente, temos a tendência de nos identificar, talvez ingenuamente, com os nossos personagens favoritos de um dado romance. (...) o prazer da identificação é atributo legítimo da experiência da releitura, a despeito da idade do leitor (...). O romance, como a vida, não pode existir sem encontros com o amor (...). Personagens encontram personagens como nós encontramos novas pessoas, suscetíveis à perturbação da descoberta; paralelamente, devemos nos abrir diante daquilo que lemos (BLOOM, 2001, p. 190).

A leitura acaba sempre nos sacudindo de alguma forma. Nossos personagens favoritos não nos abandonam vida afora, e sempre que sentimos saudades deles podemos revisitá-los por meio da releitura.

Antes de encerrarmos, vejamos mais um conselho de Harold Bloom:

Quando encontramos uma nova pessoa, não convém iniciar a amizade nem com condescendência nem com receio. Quando lemos, pela primeira vez, até a mais imponente das obras literárias — seja *A divina comédia*, de Dante, ou *As asas da pomba*, de Henry James —, qualquer condescendência ou receio destruiria a compreensão e o prazer. Talvez seja aconselhável relaxar um pouco o senso crítico quando abrimos um livro. Depois de nos deixarmos absorver pela obra, e de darmos ao autor a oportunidade de arrebatá-la nossa atenção, podemos, então, retomar o senso crítico. Há muitas maneiras diferentes de ler bem, mas todas envolvem a receptividade da nossa atenção. Tenho poucos conhecimentos sobre budismo (sendo eu de temperamento impaciente), portanto, o conceito de Wordsworth — “passividade sábia” — seria, do meu ponto de vista, o melhor sinônimo do tipo de atenção exigida pela boa leitura (2001, p. 190).

Se você, leitor, acompanhou com atenção o que foi discutido até aqui, certamente, compreende o sentido que o termo “passividade sábia”, do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850), sugerido por Bloom, significa, e seu significado é um alento a todos que são apaixonados pela leitura e que, justamente por isso, fazem dela um hábito diário. E duradouro.

Referências

- ASCHER, Nelson. As humanidades estão mortas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2004a. Ilustrada, p. E6.
- ASCHER, Nelson. Trabalhos de desamor perdidos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 ago. 2004. Ilustrada, p. E6.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática**: texto, reflexão e uso. São Paulo: Atual, 1998.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA**: versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.
- FRANCO, Ângela. **Metodologia de ensino**: língua portuguesa. Belo Horizonte: Lê, 1997.
- LISBOA, Luis Carlos. **Pequeno guia da literatura universal**: através de quase duzentos livros que ninguém mais pode ignorar impunemente. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- LITERATURA ON LINE. *Funções da linguagem*: elementos da comunicação. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/literatura/funling.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PORT, S. D. **Ler ou aprender a ler**. Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/artigos/ler.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2007.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Círculo do livro, 1999.
- SIJIE, Dai. **Balzac e a costureirinha chinesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- TRILLING, L. Huckleberry Finn. In: TRILLING, L. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Lido, 1953.